

A OPOSIÇÃO SUNISMO/XIISMO ENQUANTO FONTE DE TENSÃO E CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE CONTEMPORÂNEO

Maria João Barata

Ensaio para o Seminário de Geopolítica da Paz e dos Conflitos

Programa de Doutoramento de Política Internacional e Resolução de Conflitos

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Coimbra

Julho de 2007

Resumo

O objectivo deste ensaio é o de analisar a divisão entre sunismo e xiismo enquanto fonte de tensão e conflito no mundo muçulmano contemporâneo, em especial no Médio Oriente. Esta análise envolve uma ênfase especial na análise do xiismo, já que importantes transformações nas dinâmicas políticas desta comunidade, sobretudo desde a revolução iraniana de 1979 e, mais recentemente, do derrube de Saddam Hussein em 2003, são um dos principais factores que estão a alterar as articulações geopolíticas no Médio Oriente.

A Oposição Sunismo/Xiismo enquanto Fonte de Tensão e Conflito no Médio Oriente Contemporâneo

Maria João Barata

Os grandes desafios à hegemonia ocidental e, em especial, ao poderio norte-americano, provêm actualmente do mundo muçulmano e têm na religião o seu principal *leitmotiv*. Mas esta recolocação da religião como força motriz, de motivação e justificação ao mesmo tempo, de uma dinâmica de resistência e desafio, está a resultar no reavivar dessa oposição maior do Islão que é a que existe entre sunitas e xiitas. Esta não é uma mera oposição religiosa ou étnica. A possibilidade de que, pela primeira vez, um país árabe possa ser governado por xiitas; a crescente afirmação do Irão xiita e a sua ambição de se tornar uma potência regional; o declínio da influência de potências árabes sunitas na região, nomeadamente o Egipto e a Arábia Saudita; e, finalmente, a grande violência inter-étnica que actualmente se observa no Iraque bem como, de um modo menos visível mas mais geral, uma disseminação de tensões entre sunitas e xiitas por todos os países muçulmanos onde ambas as comunidades são significativas; tudo isto são factores que colocam a oposição sunismo/xiismo no centro da geopolítica e da conflitualidade do Médio Oriente.

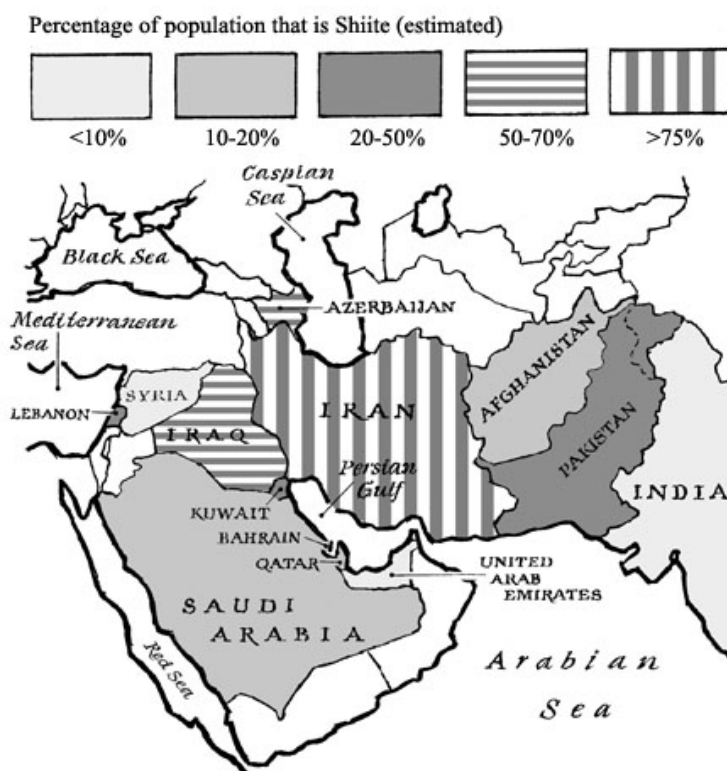
O objectivo deste ensaio é justamente o de analisar a divisão entre sunismo e xiismo enquanto fonte de tensão e conflito no mundo muçulmano contemporâneo, em especial no Médio Oriente. Esta análise envolve uma ênfase especial no xiismo, já que as importantes transformações nas dinâmicas políticas desta comunidade, sobretudo desde a revolução iraniana de 1979 e, mais recentemente, desde o derrube de Saddam Hussein em 2003, são um dos principais factores que estão a alterar as articulações geopolíticas no Médio Oriente.

Sunitas e xiitas no mundo muçulmano

Os sunitas constituem a grande maioria da população muçulmana no mundo, contabilizando os xiitas apenas 10% do total. Os xiitas são majoritários no Irão (90% do total da população), no Iraque (65%), no Azerbaijão (75%) e no Bahrein (75%); são a comunidade mais numerosa no Líbano (45%) onde se prevê que venham a ser a maioria dentro de 20 anos; e são comunidades importantes e cada vez mais politizadas no Paquistão (20%), no Afeganistão (19%), no Kuwait (30%), no Qatar (16%), na Arábia Saudita (10%) e nos EAU (6%)¹. Têm ainda uma presença residual na Índia, no Tadjiquistão, na África austral e na Síria.

Xiitas no Médio Oriente

Shiites in Selected Countries



Fonte: Nasr, 2006.

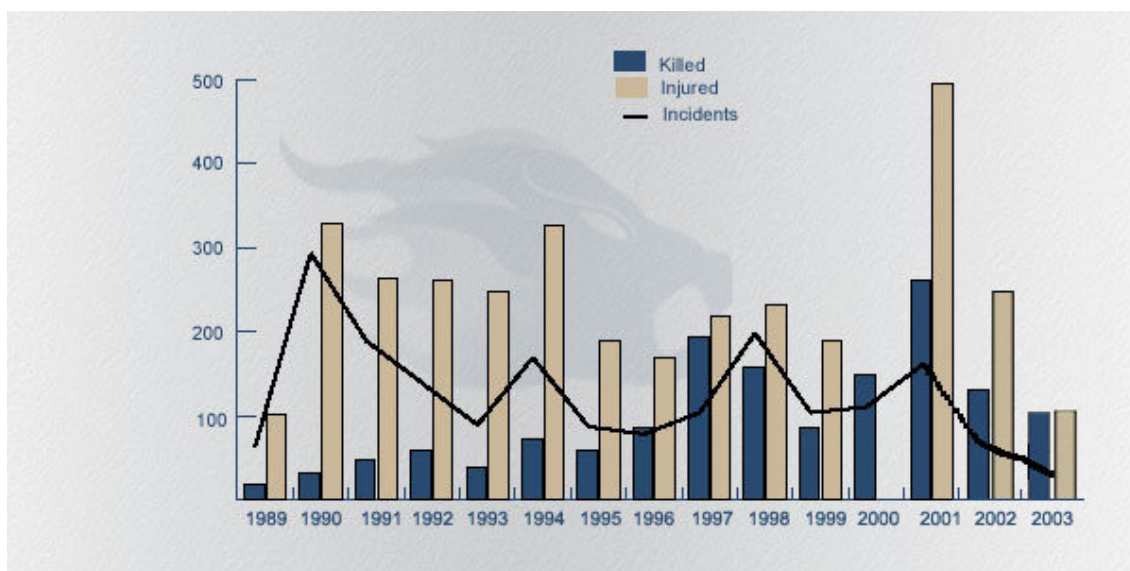
¹ Estes números são aproximados e, em todo o caso, variam com as fontes. Aqui seguimos Nasr (2006). Percentagens ligeiramente diferentes encontram-se em Bauchard, Djalili e Richard (2006) e em Karmon (2007).

Vários analistas observam que as divisões, as tensões e, até, os conflitos entre sunitas e xiitas estão a crescer no mundo muçulmano (Karmon, 2007; Shadid, 2007). No Iraque, eles são flagrantes e intensos. Mas mesmo em sociedades esmagadoramente sunitas e em que a divisão entre sunitas e xiitas era, em muitos contextos, quase imperceptível – como por exemplo o Egito, onde Shadid relata que era frequente pessoas admitirem que só em adultas tomaram consciência de serem sunitas – a conflitualidade está a desenvolver-se:

[o] conflito, travado em discursos, colunas de jornais, rumores que giram em turbilhão pelos cafês e pela internet, e contendas ocasionais, é sobretudo moldado pela política.... Mas a divisão começou a penetrar também no tecido social da região. (Shadid, 2007: 8)

Noutros países, os conflitos não são tão simbólicos e fazem mesmo vítimas mortais. É, por exemplo, o caso do Paquistão, onde os muçulmanos moderados têm culpado ao mesmo tempo as madrassas wahhabistas e os seminários xiitas financiados pelo Irão pela escalada de violência inter-comunitária que, nos últimos 20 anos, matou já cerca de 4 000 pessoas (Ghosh, 2007).

Violência Inter-étnica no Paquistão (1989-2002)



Fonte: Karmon, 2007: 5.

Duas experiências políticas do Islão

A divisão entre sunismo e xiismo remonta aos primórdios do Islão tendo resultado de divergências quanto à sucessão legítima (califado) do Profeta. Para os sunitas ('seguidores da Tradição do Profeta'), os califas deveriam ser os veneráveis anciãos da tribo do Profeta. Para os xiitas ('partidários de Ali'), o sucessor deveria ser Ali – genro e primo-irmão do Profeta – e seus descendentes. O triunfo de Muawiya (da tribo dos omíadas) nesta disputa relegou logo de início os xiitas para uma posição de dissidência. Daqui desenvolveram-se duas visões diferentes do Islão, com princípios, regras e práticas distintos.

É interessante notar, como o faz Muñoz, que 'a origem dos dois grandes ramos do Islão foi antes de tudo fruto de um conflito político que depois se dotaria de uma especificidades religiosa xiita, qualificada de heterodoxa pela maioria sunita' (2005: 37). Até aos dias de hoje, sunismo e xiismo articulam estreitamente religião e política: é a 'defesa do "verdadeiro Islão" [que] motiva, ou justifica, as estratégias de poder no interior de cada uma destas sociedades' (Luizard e Picard, 1996: 4).

Nos primeiros séculos, e uma vez que o califa, com frequência, era também, para além de líder religioso, o líder político do império islâmico, isso favoreceu que o sunismo se tornasse a corrente maioritária. Esta preponderância vai, mais tarde, ser reforçada pelo império Otomano e, depois, pelo domínio europeu. Em contrapartida, o xiismo sempre atraiu gente que se sentia oprimida pelo império, o que está intimamente ligado à sua vocação messiânica, decorrente da crença no 'ocultamento' do 12º imã (Mahdi) descendente de Ali que, creem os xiitas, voltará no fim dos tempos para restaurar a igualdade e a justiça.

Outra diferença importante entre elas diz respeito ao papel conferido ao clérigo. No mundo sunita, o califado é abolido nas primeiras décadas do séc. XX e o activismo islâmico, crescente desde então, não confere grande reverência aos clérigos – até porque, no sunismo, em princípio, não existe intermediação entre o crente e Deus – antes liga-se ao desenvolvimento de organizações activistas de base, com alguma ancoragem nacionalista (Cole, 2006: 20).

Entre os xiitas, pelo contrário, o princípio da orientação espiritual do aiatóla (clérigo jurista proeminente) sobre o crente vai levar ao desenvolvimento de uma hierarquia

religiosa. A partir do séc. XIX os centros religiosos da mesopotâmia começam a ser usados não só para formação religiosa como também para o exercício de um contrapoder face ao domínio europeu. Mais tarde, com Khomeini, surge a doutrina de que os aiatólas devem governar a política e a sociedade, a qual, porém, permanece controversa. A evolução do xiismo é, pois, fortemente impulsionada pelo clero e orientada pela interpretação que este faz da religião.

Cidades Santas do Xiismo



Fonte: <http://www.pbs.org/wnet/wideangle/shows/iran/images/map2.gif>, a 3/7/2007

Xiismo e Irão

Existe uma tendência muito comum para identificar xiismo e Irão – uma ‘percepção alargada de que o xiismo tem um indelével vínculo com a Pérsia’ (Muñoz, 2005: 36-37) – o que, não sendo correcto (Djalili *in* Bauchard, Djalili e Richard, 2006: 3), seja porque existem muitos xiitas árabes, seja porque o berço do xiismo na verdade foi o Iraque²

² Foi no Iraque que Ali se confrontou com Muawiya e que chefiou a revolta xiita; foi também aí que foi assassinado, tal como, mais tarde, o seu filho e sucessor Hussein.

não deixa de apresentar alguma pertinência, pelo menos do ponto de vista da visibilidade e projecção de ambos, já que a esmagadora maioria da população iraniana é xiita e que o Irão é o único Estado cuja religião oficial é o xiismo, tendo-se tornado, por isso, numa referência fundamental para todas as comunidades xiitas do mundo muçulmano (Muñoz, 2005: 37).

Por outro lado, desde a revolução de 1979 que o Irão se tem situado politicamente nesta articulação entre nacionalismo persa e xiismo. Luizard e Picard consideram que ‘o nacionalismo persa avança mascarado por um xiismo devoto’ (1996: 3). Mas também se poderá fazer a interpretação inversa: Fernandes afirma que ‘o regime [teocrático] sempre parasitou o nacionalismo iraniano’ (2007). Seja de uma forma ou da outra, é indubitável a existência de uma íntima ligação entre ambos. Assim, outra polaridade pertinente para analisar as tensões na região, e que se entrecruza com a que aqui nos ocupa, é a que opõe árabes e iranianos, e que, do mesmo modo que a oposição entre sunitas e xiitas, é fonte de esteriótipos depreciativos recíprocos.

Quando os árabes conquistaram o Médio Oriente em nome do Islão, os persas recusaram arabizar-se. Posteriormente, e através do xiismo, começam a disputar com os árabes sunitas uma legitimidade religiosa que estes últimos entendiam ser sua prerrogativa exclusiva. Os árabes desenvolvem a partir de então sentimentos de afronta face aos persas e, actualmente, como observam Luizard e Picard, as reacções ‘oscilam entre uma indiferença total e uma alergia a tudo o que é iraniano’ (1996: 2). Por seu lado, os persas desenvolvem desde o início sentimentos de superioridade cultural face aos árabes. Assim, por exemplo, a designação de ‘Irão’ é adoptada em 1953 pelo Xá Reza com o objectivo de salientar a origem ariana dos persas e as suas diferenças face aos árabes, vistos como meros ‘nómadas cameleiros’. Porém, com a revolução iraniana de Khomeini, a polaridade xiismo vs. sunismo torna-se tão visível quanto a de iranianos vs. árabes.

Durante a oposição ao Xá e em defesa da criação de uma república islâmica justa haviam-se desenvolvido duas correntes dentro do xiismo – uma pacífica (aiatóla Sadr) e outra revolucionária (aiatóla Khomeini). Mas a revolução iraniana e a ditadura de Saddam, para além de terem deslocado o centro do xiismo do Iraque para o Irão, tiveram ainda o efeito de aniquilar a primeira e fometar a expansão da influência da segunda por toda a região (El Kara, s/d: 15), iniciando-se toda uma estratégia de

‘internacionalização do xiismo’ (ibid.: 13ss; Richard *in* Bauchard, Djalili e Richard, 2006: 2), justamente fomentada pelo novo regime de Teerão, e que se traduz no apoio político e financeiro a todo um conjunto de organizações que, em países árabes, galvanizam a identidade xiita.

Xiismo no mundo árabe

Com excepção do Irão, as populações xiitas têm sido quase sempre dominadas, marginalizadas e oprimidas, seja pelos poderes políticos, seja pelas outras comunidades étnico-religiosas das sociedades onde se encontram, mesmo onde são estatisticamente maioritárias³. Esta situação tem sido justificada em termos religiosos, pelos sunitas, com a ideia de que os xiitas não são verdadeiros muçulmanos – as correntes mais puritanas do sunismo consideram mesmo que o xiismo é uma heresia. Esta visão ‘solificou num preconceito institucionalizado’ (Ghosh, 2007) que tem levado à exclusão dos xiitas do poder político, administrativo e militar e que leva as outras comunidades a tratá-las com desconsideração social.

O problema xiita é mais complicado e mais subtil do que o das minorias, porque estas são reconhecidas como tais independentemente de quão discriminatória ou difícil a sua situação possa ser. Todavia os xiitas partilham as referências maioritárias de serem árabes e muçulmanos e portanto a discriminação está mascarada e escondida. Daí a sua intensa consciência colectiva de injustiça e marginalização. É além do mais um tema muito sensível porque a sua existência questiona o ideal islâmico, mitificado pelos sunitas, da unidade da *umma* (a comunidade de todos os crentes) e portanto existe o preconceito histórico de considerar os xiitas uns heterodoxos que desafiam essa unidade. (Muñoz, 2005: 39)

Como reacção, os xiitas foram desenvolvendo ao longo dos séculos uma forma de quietismo, de dissimulação e de submissão aos poderes instituídos, enquanto esperavam pelo 12º Imã e pela libertação da injustiça e da desigualdades que ele traria.

Este quietismo começa a desvanecer-se no Iraque com o factor colonial e vão ser os clérigos que, definindo a incompatibilidade entre o Islão e a ideologia ocidental, vão junto das populações induzir aspirações de justiça e emancipação e a luta contra o

³ Uma excepção a esta situação é a Síria contemporânea que, desde 1970, tem sido governada por uma família da etnia religiosa alauíta, uma subseita xiita que representa 10% da sua população.

mandato britânico (El Kara, s/d: 9). Os britânicos, porém, conseguem derrotar militarmente este movimento e impôr a construção de um Estado segundo o modelo ocidental, o qual será dominado pelos sunitas, ficando os xiitas à margem do poder. A partir de então, os vários regimes iraquianos, e por razões de controlo social, vão integrar alguns xiitas na administração e na economia, de uma forma selectiva e limitada, mas excluindo-os dos sectores da defesa, da segurança interna e das finanças. Esta política vai permitir a ascensão social e cultural de uma pequena elite xiita, mas não terá grandes consequências para a situação política e socio-económica da esmagadora maioria da população xiita, que se mantém numa situação de ruralidade e inferioridade (Muñoz, 2005: 43). Em relação às cidades santas do sul do Iraque forma-se uma espécie de acordo tácito (El Kara, s/d: 9) segundo o qual os clérigos abandonam a luta política e o poder central não interfere nos assuntos internos da comunidade xiita.

Entretanto, nas décadas de 1950 e 1960, a população xiita torna-se bastante receptiva à ideologia comunista (salientem-se as afinidades em torno dos ideais de justiça e igualdade e da condição oprimida das pessoas a que, comunismo e xiismo, se dirigem). Surgem então partidos e movimentos xiitas liderados por clérigos, entre os quais se destacou Muhammad Baqir al-Sadr (tio de Moqtada), como reacção à crescente secularização que esta atracção comunista implicava, e com o objectivo de islamizar a comunidade xiita. Com a ascensão ao poder do partido Baas em 1968, inicia-se uma nova fase de resistência e revolta dos, e repressão sobre, os xiitas, que com Saddam Hussein assumirá contornos e proporções sinistros. Contudo, foi justamente o assumir-se como defensor da nação árabe contra o islamismo, e muito em especial o xiita, que lhe valeu o apoio de todos os estados que temiam o expansionismo iraniano, já que Khomeini atacava não só o ateísmo do partido Baas como o arabismo em geral.

Actualmente, e por influência do derrube de Saddam Hussein e da crescente afirmação do Irão, as populações xiitas estão, por todo o mundo muçulmano onde existem em número significativo, a assumir atitudes mais reivindicativas e a tentar conquistar mais poder político, tentando inverter o tradicional equilíbrio no mundo árabe em que os sunitas governam e os xiitas são governado (Cole, 2006: 26; El Kara, s/d; Nasr, 2006).

Este facto suscita denúncias de uma alegada agressividade⁴ e expansão xiita, e tem impactos na democratização da região, já que os regimes sunitas têm usado a ascensão iraniana como pretexto para conterem as aspirações políticas das populações xiitas e não avançarem com as reformas políticas tão esperadas pelas potências ocidentais e pelas suas populações (Nasr, 2006). De facto, em países como o Iraque, o Líbano, o Bahrein e mesmo a Arábia Saudita, o princípio democrático de uma pessoa/um voto, teria tremendos impactos na distribuição de poder entre as várias comunidades. Este ponto é fundamental já que, como nota Nasr, a população do Médio Oriente vê a política não só, ou não tanto, como relação entre o indivíduo e o Estado, mas mais como distribuição e equilíbrio de poder entre as comunidades. Após o derrube de Saddam Hussein no Iraque, as lideranças religiosas dos xiitas iraquianos posicionaram-se por um Iraque unido com um governo central forte, mobilizando grandes manifestações de rua para reclamar eleições segundo aquele princípio de uma pessoa/um voto, a que a administração norte-americana relutantemente acedeu. Este acontecimento constituiu um precedente exemplar para todo o mundo árabe com comunidades xiitas significativas, que pretendem agora obter, também elas, mais representatividade política.

Transnacionalização do xiismo

Todo este processo de ascensão do xiismo é ainda reforçado pela sua crescente transnacionalização, onde uma vez mais religião e política e, também, relações pessoais e familiares se entrecruzam, a vários níveis da estrutura social e com importantes impactos geopolíticos (ver Cole, 2006; Djilali *in* Bauchard, Djalili e Richard, 2006; El Kara, s/d; Muñoz, 2005; Nasr, 2006).

A existência de um clero hierarquizado leva ao desenvolvimento de laços e de redes no seu interior, entre mestres e discípulos que se encontram nas mesmas escolas religiosas, mas que provêm de vários países. O mesmo se observa na relação entre o crente e o seu aiatóla, dado o facto de o primeiro poder livremente escolher o segundo, sem restrições de fronteiras ou nacionalidades – é assim que, por exemplo, desde a queda de Saddam Hussein, muitos iranianos têm aiatólas radicados no Iraque, retomando, aliás, a tradição,

⁴ Por exemplo, existe a percepção, entre muitos sunitas, de que a execução de Saddam Hussein foi um acto de vingança (Shadid, 2007: 8).

interrompida na década de 1970, de as cidades santas iraquianas liderarem o desenvolvimento espiritual e intelectual do xiismo. Por outro lado, através de casamentos estratégicos, estão a aparecer grandes e importantes famílias clericais que se estendem por vários países. Não menos relevantes são os vários movimentos de deslocação populacional, seja de exilados políticos (por exemplo, grande parte dos iranianos e xiitas árabes expulsos do Iraque por Saddam Hussein refugiaram-se no Irão onde, alguns, se tornaram clérigos proeminentes e comandantes da Guarda Revolucionária), de refugiados de guerra (são já alguns milhões os iraquianos que nos últimos anos se têm deslocado sobretudo para a Síria, a Jordânia, o Egipto e a região do Golfo Pérsico) ou peregrinos (desde 2003, por exemplo, são centenas de milhares os xiitas, sobretudo iranianos, que visitam as cidades santas iraquianas de Najaf e Kerbala, com importantes impactos no comércio, na construção e nas instituições religiosas). Finalmente, saliente-se que os modernos meios de comunicação, especialmente a internet, intensificam as interações em todas estas redes. Todos estes fenómenos provocam uma porosidade nas fronteiras nacionais por todo o mundo muçulmano, com particular destaque, neste momento, para a fronteira Irão/Iraque, no que diz respeito às interações no interior da comunidade xiita.

Uma consequência importante desta transnacionalização, no que diz respeito ao Iraque, é que ‘o Irão tem construído [aí] uma impressionante rede de aliados e clientelas, que vão desde operacionais de informações, milícias armadas e *gangs*, até, mais visivelmente, políticos em vários partidos xiitas iraquianos’ (Nasr, 2006), o que nos remete para a dimensão mais estritamente geopolítica desta questão.

Violência inter-étnica no Iraque

Nos primeiros dois anos após a queda de Saddam Hussein a violência sectária era bastante contida no Iraque, sendo o principal problema a insurgência jihadista sunita – sobretudo a do grupo da al-Qaeda no Iraque de Abu Mousab al-Zarqawi – contra a ocupação norte-americana. Nesta fase houve mesmo alguns apoios e alianças entre estes grupos e alguns radicais xiitas (Karmon, 2007). É com a aproximação das primeiras eleições pós-Saddam, em Janeiro de 2005, que se começam a intensificar as provocações contra alvos xiitas, uma vez que os sunitas enveredam pelo boicote da

democracia e pela violência para tentarem ganhar peso nas negociações posteriores (Nasr *in* Feldman *et al.*, 2006). A partir daqui, e

[n]uma terra sem lei, as pessoas normais foram obrigadas a buscar protecção de milícias sectárias. À medida que estes grupos cometeram atrocidades, alimentaram exigências de vingança, levando a uma espiral de morte. (Boot, 2007)

Assim, o crescimento da insegurança implica mais poder e influência para as milícias e, sobretudo, para os activistas radicais que estão no seu núcleo e que, ao galvanizarem os símbolos, radicalizam as identidades (Fearon *in* Feldman *et al.*, 2006). Não se trata tanto de uma disputa religiosa – note-se, aliás, que não parece haver tentativas de conversão religiosa de parte a parte (Ghosh, 2007) – mas de ‘uma competição bastante secular pela proeminência e pelo poder no novo Iraque’ (Nasr *in* Feldman *et al.*, 2006).

Porém, como observa Ghosh (2007), a evolução sangrenta da situação tem vindo progressivamente a intoxicar as relações entre as diferentes comunidades, exacerbando os ódios e os radicalismos também no quotidiano e entre as pessoas comuns.

Por outro lado, a ideia da ascensão do xiismo e da sua ligação ao expansionismo do Irão torna-se um elemento fundamental da propaganda sunista na região, seja na esperança de que os regimes árabes pressionem o governo iraquino a conceder mais poder aos sunitas, seja, entre os grupos jihadistas, para a angariação de recursos e recrutamento (*id.*). Aliás, Karmon nota que a militância radical sunita se desenvolveu justamente, em grande medida, como resposta ao activismo xiita que emerge da revolução iraniana (2007: 4) e que, por causa do crescimento do seu peso político e estratégico no Iraque, a comunidade xiita tem sido designada pelo movimento jihadista sunita como o seu principal inimigo sendo, de um modo mais geral, vista como uma ameaça por toda a região do Golfo Pérsico (*ibid.*: 2).

Na linha mesma linha, Nasr argumenta que, se o conflito no Iraque evoluir para uma plena guerra civil, ‘Irão, Arábia Saudita, Jordânia e Síria podem vir a intervir para proteger as facções aliadas e disputar os despojos de um Iraque falhado’ (*in* Feldman *et al.*, 2006). Este tem sido, aliás, o argumento principal para a manutenção da ocupação militar norte-americana, corroborado recentemente com o aparecimento de um relatório que defende a elevada probabilidade de alargamento a toda a região do conflito, tendo em conta os seguintes sintomas: êxodo maciço de refugiados, o facto de o território se

estar a tornar um santuário para grupos terroristas, a radicalização das populações vizinhas, uma espiral de secessionismo, prejuízos económicos e a intervenção de Estados vizinhos (Boot, 2007).

A ‘ameaça xiita’

Entre a elite sunita dirigente surge então a percepção de uma alegada ‘ameaça xiita’ que teria no Irão o seu centro político de instigação e irradiação.

Taken along with President Mahmoud Ahmadinejad's nuclear ambitions, Iran's sponsorship of the Shi'ite Hizballah militia in Lebanon and its backing of Hamas, Iran's supposed meddling in Iraq is proof to Arab leaders that their old Persian rivals are determined to reshape the Middle East to suit their own interest. (Ghosh, 2007)

Em Abril de 2006 o presidente egípcio afirma que os xiitas mais depressa prestariam lealdade ao Irão do que à sua nação de origem (Nasr, 2006). Já anteriormente, em 2004, o rei da Jordânia havia cunhado a expressão de ‘arco’ ou ‘crescente xiita’, que se estenderia desde Teerão até ao Líbano, e que constituiria uma ameaça para as monarquias tradicionais (Cole, 2006: 20). Note-se que Khomeini declarara que o governo islâmico seria incompatível com o regime monárquico. Muitos xiitas iraquianos simpatizam com estas ideias e, actualmente, cerca de 10% da população residente na Jordânia são refugiados iraquianos. Ora, ao contrário do que acontece na Síria, na Jordânia não existe um partido Baas que amortecia a influência destas ideias, pelo que lhe convinha mais um Iraque nacionalista e secular como era o de Saddam Hussein (ibid: 22). Esta é também uma preocupação para as monarquias do Golfo Pérsico. Na Arábia Saudita, para além disso, as populações xiitas concentram-se na região Leste onde estão também concentradas as reservas petrolíferas, constituindo uma preocupação estratégica para Riad.

Neste contexto, o Iraque, enquanto fronteira da arabidade, torna-se um campo de batalha para todos quantos temem o suposto expansionismo iraniano e a alteração da distribuição do poder a que os xiitas aspiram no mundo árabe.

Alguns analistas, porém, contestam a perspectiva de que existe uma ameaça xiita. Richard defende que ‘não existe uma ameaça de um *arco xiita* mas sim uma extrema

vulnerabilidade xiita' (*in* Bauchard, Djalili e Richard, 2006: 3). Se os EUA deixarem o Iraque, os xiitas serão confrontados com ataques de potências regionais sunitas, pelo que terão de procurar protecção junto do Irão. Os xiitas iraquianos sentem-se, defende, muito mais ameaçados do que os sunitas (*id.*). Richard sugere ainda a projecção do Irão junto das massas árabes, através dos temas da 'libertação de Jerusalém' e da resistência ao 'imperialismo norte-americano', que são temas unificadores para todos os muçulmanos, constituiria uma tentativa por parte dos iranianos de evitarem ser vistos como sectários, como que tentando fazer esquecer que são xiitas (*ibid.*: 1). Feki, por seu lado, analisa a adopção do tema anti-sionista no contexto do fim da revolução iraniana e do enfraquecimento das correntes xiitas radicais, e considera também que isso significa que o Irão relega para segundo plano do carácter religioso do combate iraniano (2007: 26).

Finalmente, poder-se-á contestar a ideia de um arco xiita, como o faz Djalili, salientando a extrema diversidade que existe dentro do xiismo, o qual vai desde correntes que advogam o quietismo até às que defendem o radicalismo, desde a defesa da teocracia até à defesa da absoluta separação entre religião e política (*in* Bauchard, Djalili e Richard, 2006: 2). Também se deverá salientar que a identidade xiita se entrecruza com outras identidades que, por vezes, a superam: adesão a ideologias políticas, nacionalidade, tribo e classe social (Muñoz, 2005: 40).

Esta tese da existência de um 'arco xiita' que ameaçaria o mundo árabe recoloca então a questão da relação entre a identidade xiita e as identidades nacionais. Vários autores salientam que a primeira não se sobrepõe às segundas. Feki nota que Moqtada al-Sadr, muito embora tenha para o Iraque a ambição de uma república islâmica do tipo da do Irão, 'invoca também e sobretudo o patriotismo iraquiano contra uma hegemonia iraniana sobre o xiismo do Iraque' (2007: 26). Também Nasr salienta a existência de uma forte identidade nacional tanto entre xiitas como entre sunitas no Iraque, muito embora, como afirma, esteja 'a desaparecer uma noção partilhada do que é que a identidade iraquiana significa e como é que cada comunidade vê o futuro do Iraque' (Nasr *in* Feldman *et al.*, 2006). Na sua análise do Líbano, Portas salienta o carácter patriótico do discurso do líder do Hezbollah, Sayed Hassan Nasrallah, e o carácter sobretudo instrumental da sua ligação ao Irão (2006: 147ss).

Finalmente, há um fenómeno que, de certo modo, poderia contrariar a premissa que tem conduzido este ensaio, e que é a aliança entre o Irão, a Síria, o Hezbollah e facções palestinianas, designadamente o Hamas, no seu confronto com Israel, os EUA e os regimes árabes ditos moderados. Karmon, porém, observa que, nos últimos trinta anos, este tipo de coligações heterogéneas tende a durar pouco tempo, concluindo que

[l]es dissensions qui existent entre Chi'ites et Sunnites montrent l'extrême difficulté pour les mouvements religieux islamistes et les groupes faisant usage du terrorisme et de la violence de construire de véritables coalitions, qui puissent durer suffisamment longtemps pour aboutir à la création d'une Oumma musulmane unifiée et victorieuse. (2007: 17)

Conclusão

A divisão entre sunismo e xiismo é, desde o início, a divisão entre duas experiências políticas distintas. No mundo árabe, esta tem sido a experiência de uma relação entre dominantes (sunitas) e dominados (xiitas). Actualmente, por influência da revolução iraniana de 1979, da ascensão ao poder político dos xiitas no Iraque após a queda de Saddam Hussein em 2003 e, ainda, do princípio democrático tão propagado pelo ocidente de uma pessoa/um voto, os xiitas árabes estão a tentar inverter essa relação o que, como todas as mudanças fundamentais na organização e distribuição do poder, dificilmente se fará sem conflitualidade. A questão que se coloca, porém, é a da natureza e do alcance dessa conflitualidade. A extrema diversidade e complexidade das variáveis presentes nesta equação, contudo, torna bastante difícil e arriscado qualquer exercício prospectivo sobre cenários de evolução da geopolítica e da conflitualidade no Médio Oriente, sendo que, não obstante, tudo dependerá muito do alargamento, ou não, do conflito iraquiano a toda a região.

Concluimos, com Muñoz, que

[a] questão xiita é um problema por resolver no Médio Oriente árabe e, provavelmente, um factor-chave em qualquer recomposição democrática que possa existir nesta região. (Muñoz, 2005: 37)

Bibliografia

- Altman, Israel Elad (2006), "Some Regional Implications of the Hizbullah-Israel War", *The Project for the Research of Islamist Movements (PRISM)*, 4 de Agosto.
URL<http://www.e-prism.org/images/Some_regional_effecs_of_the_Hizbullah-Israel_war_-_4-8-06.pdf> a 1/7/2007.
- Bauchard, Denis ; Djalili, Mohammad-Reza; Richard, Yann (2006), *L'iran et l'arc Chiite: Entre Mythe et Realite*, Compte rendu de la conférence, Ifri, 16 novembre.
URL<http://www.ifri.org/files/Moyen_Orient/crIranArcchiite_161106.pdf> a 21/3/2007.
- Boot, Max (2007), "O Iraque pode estar a transformar-se na Jugoslávia", *Público*, 20 de Março.
- Cole, Juan (2006), "A 'shiite crescent' ? The regional impact of the Iraq war", *Current History*, Janeiro.
URL<http://66.102.9.104/search?q=cache:86nNseewr-sJ:www.currenthistory.com/org_pdf_files/105/687/105_687_20.pdf+Khomeini+%E2%80%99s+Revenge:+A+Campaign+Poster+in+Baghdad&hl=pt-PT&ct=clnk&cd=1&gl=pt> a 21/3/2007.
- Crisis Group (2005), "The Shiite Question in Saudi Arabia – Executive Summary", *Middle East Report*, nº45, 19 de Setembro.
URL<<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?l=1&id=3678>> a 1/7/2007.
- El Kara, Bechara (s/d), "The political mobilization of the Shiite community in the Middle East".
URL<http://www.amcips.org/PDF_books/BookII9.pdf> a 1/7/2007.
- Feki, Masri (2007), "Pourquoi les arabes diront toujours 'non' à Téhéran", *MERIA - Journal d'Études des Relations Internationales au Moyen-Orient*, Vol. 2, No. 1, Janeiro.
- Feldman, Noah *et al.* (2006), "Power Struggle, Tribal Conflict Or Religious War?", *Time*, 26 de Fevereiro.
URL<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1167736,00.html>> a 1/7/2007.
- Fernandes, Jorge Almeida (2007), "O paradoxo do Irão", *Público – P2*, 8 de Abril.
- Franco, Manuela (2007), "Irão faz prova de vida", *Público*, 5 de Abril.
- Ghosh, Bobby (2007), "Behind the Sunni-Shi'ite Divide", *Time*, 22 de Fevereiro.
URL<<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1592849,00.html>> a 1/7/2007.
- Karmon, Ely (2007), "Chi'isme et sunnisme : vers une radicalisation des dissensions", *MERIA - Journal d'Études des Relations Internationales au Moyen-Orient*, Vol. 2, No. 1, Janeiro.

Luizard, Pierre-Jean e Picard, Elisabeth (1996), "Introduction", *Cahiers d'Études sur la Méditerranée Orientale et le Monde Turco-iranien*, nº 22, Julho-Dezembro.

Muñoz, Gema Martín (2005), *Iraque – Um fracasso do Ocidente*. Porto: Ambar.

Nasr, Vali (2006), “When the Shiites rise”, *Foreign Affairs*, Julho-Agosto.
URL<<http://www.foreignaffairs.org/20060701faessay85405/vali-nasr/when-the-shiites-rise.html?mode=print>> a 16/3/2007.

Portas, Miguel (2006), *No Labirinto – O Líbano entre guerras, política e religião*. Coimbra: Almedina.

Shadid, Anthony (2007), “Risco de confronto entre sunitas e xiitas é o maior perigo para o mundo árabe”, *Público – P2*, 18 de Fevereiro.